

Educação para a diversidade de gênero nos museus: algumas provocações

Jezulino Lúcio Mendes Braga

Curso de Museologia-UFMG

Os museus são ambientes ricamente estruturados que conservam referências materiais, registros de memória, e que também nos remete a própria idéia do patrimônio, pois nos gestos de salvaguarda e perda estão implícitos as estruturas mentais da sociedade e a forma como a sociedade quer ser lembrada. Os museus são frutos de escolhas arbitrárias. Arbítrios que são acompanhados de silenciamentos, pois onde há memória há também esquecimento.

Os museus propõem uma narrativa que pode nos encantar e desencantar, causar conforto e horror, isso porque o museu também nos expõe. O museu revela o nosso lado humano e proporciona experiências das quais nos apropriamos para usá-las em nossa vida cotidiana.

A exposição em um museu relaciona o visível e o invisível, o material e o imaterial e encarna nossa experiência sensível. O sujeito visitante também encarna o museu, pois experimenta o museu com o corpo. Ao mesmo tempo o museu nos encarna porque por ele atravessamos, constituímos itinerários, relemoramos, comentamos ou simplesmente silenciados. A experiência é essencialmente imaterial, enquanto a visão, como o olfato e o paladar, faz parte dos sentidos humanos. É preciso assim entender que somos atravessados pela exposição do museu.

No museu os visitantes são sujeitos andarilhos que percorrem um trajeto em relação com objetos, cenários, espaços vazios e com outros sujeitos no museu. O museu convida a percorrer esse trajeto, por onde os visitantes andarilhos fazem trilhas em busca por conhecimento ou outras mediações possíveis com a exposição.

Os sujeitos andarilhos nos museus usam em primeiro lugar o corpo e com ele subverte a lógica imposta pela exposição. No seu trajeto pelo



Foto da turma Museus e Diversidade 2019

museu os sujeitos andarilhos observam por um tempo maior um objeto, passam por outros, fazem leitura das legendas e textos, partilham com outros sujeitos impressões em sua trajetória nas galerias, escutam ou ignoram a mediação dos educadores. Enfim, a experiência de uma visita ao museu é antes de tudo humana.

O museu se constrói como fenômeno humano, pois nessa morada de dispersões há o encontro do ser com a própria coisa. E a tentativa de compreensão das coisas no mundo e os modos de nele estar não se faz por meio de uma percepção passiva, mas resulta do esforço do ser em sua presença (MERLEAU-PONTY, 1999, p.94). E há também o encontro do ser com outros seres, pois como em nossa presença no mundo estamos abertos a outros seres a partir de nossos reflexos, sensações e percepções.

Como uma morada de fragmentos o museu é um cenário de deslocamentos. Os sujeitos percorrem a narrativa organizada pelos projetos curatoriais e propõem outras, muito menos universais e objetivas, que fazem parte de sua memória individual. Por meio de uma concepção de museu como “morada babélica”¹ com

suas diversas linguagens, na qual o sujeito é um andarilho e os objetos são ideias moventes, tocantes e provocadoras (PEREIRA, 2007), o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo (caixa monumento) e possibilitaria sentir empaticamente as implicações do passado no presente. Portanto é o museu uma morada babélica, local de experimentação dos corpos e de reconhecimento de nossa humanidade.

A partir destas reflexões retomo a questão colocada para sinalizar um debate atual e necessário: podem os museus contribuir para a superação das fobias de condição sexual, identidade e gênero? Se considerarmos esta possibilidade, quais estratégias podem ser empregadas nos museus?

Para Mário Chagas os museus estão entre os locais que nos proporcionam a mais elevada idéia do homem:

Eles são janelas, portas e portais; eles poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; eles políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições (CHAGAS & STORINO: 2007, 6).

Investimos em uma museologia política, como instância que permite ao homem atuar no real, transformando-o positivamente, em busca de uma sociedade justa e igualitária. E neste sentido se faz necessário repensar nossos protocolos, em busca de uma museologia transitória.

De acordo com Chagas “(...) é o museu dialogando com o seu tempo, assumindo a transitoriedade como um dado. Assumindo que



pode ser transitório e ainda assim cumprir funções importantes (DIAS: 2014, p 110). Para o autor a museologia da transitoriedade não deixa de ter grande relevância, na busca de novos problemas por meio das mesmas coleções.

Nesta perspectiva importa os processos museais, as inquirições por meio das coleções, os procedimentos e metodologias a partir de um problema. É um museu travestido, porquê rompe com o modelo tradicional baseado na eternidade das narrativas canônicas totais.

E de fato se queremos uma museologia comprometida com as questões LGBT é necessário que este debate esteja presente na formação dos museólogos. Em 2017 iniciamos no curso de museologia da UFMG a atividade acadêmica curricular (AAC) *Museus e Diversidade*, aprovada pelo colegiado como atividade acadêmica curricular no núcleo de optativa. Em 2019 ofertamos a mesma disciplina também na Formação Transversal da UFMG abrindo vagas para todos cursos de graduação.

Tratava-se da primeira vez que o debate sobre gênero e diversidade no campo da museologia foi ofertado na universidade. Nos 3 semestres em que a disciplina foi ofertada tivemos 85 estudantes matriculados. Desse total, 71 eram graduandos em museologia. A alta procura pela disciplina justifica sua permanência na matriz curricular do curso e na oferta da Formação Transversal.

Como desdobramento das atividades desenvolvidas, estabelecemos parceria com pesquisadores do campo da Memória LGBT e implantamos em 2019 o Centro de Estudos, Pesquisas e Memória Cintura Fina.

O nome do Centro homenageia Cintura Fina, que nasceu em 1933 em Fortaleza-CE; chegou em Belo Horizonte em 1953 e foi uma pessoa de extrema importância da cena LGBT de BH. O Centro de Estudos, Pesquisas e Memória Cintura Fina pretende ser o primeiro espaço de pesquisa, estudos e memória LGBT na capital mineira e atualmente possui um acervo formado principalmente por recortes de jornais, livros, revistas e fotos. O acervo foi

doado pelo Prof. Luiz Morando, que pesquisa sobre vida social e cultural LGBT na cidade de Belo Horizonte e atualmente está em uma sala dentro da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)

Em termos de bibliografia e debates tivemos que incorporar além das questões LGBT a história das mulheres nos museus. Esta demanda surgiu na primeira aula em que foi apresentada a ementa aos estudantes. O debate sobre o feminismo não poderia ficar de fora de um curso em que a maioria dos estudantes se indentificam como mulher cis gênero.

Consideramos que existe uma bibliografia que trata das questões teóricas e metodológicas de uma museologia que tem como tema as mulheres e os LGBT's. Ao formatar a ementa para a AAC, levantamos o que poderia ser disponibilizado aos estudantes por meio de artigos, capítulos de livros, teses, dissertações.

As referencias bibliográficas foram organizadas nos seguintes temas: museus e o feminino, museologia e LGBT's, coleções de museus e questões de gênero e sexualidades dissidentes.

A dinâmica da ACC foi de seminários e visitas a museus. Os estudantes liam o texto selecionado na bibliografia básica e debatíamos em sala de aula. Pesquisadores do campo da memória LGBT e das questões de gênero e museus foram convidados para Aulas Abertas. Nestas aulas foi possível discutir experiências de exposições em museus, pesquisas em andamento sobre cidade e sexualidades dissidentes, cartografias LGBT em Belo Horizontes, arquivos para estudos da memória LGBT, entre outros temas.

As visitas e análise de exposições nos museus se dava por meio virtual nos sites dos museus², identificando coleções de objetos, textos expográficos e imagens. No último semestre, fizemos uma visita o Museu de Arte da Pampulha onde estava exposta a instalação Tabernáculo da Edificação da artista travesti baiana Ventura Profana.

Em Tabernáculo da Edificação a artista problematiza os efeitos sociais, culturais e políti-

cos dos processos de tradução e interpretação de textos bíblicos, que segundo sua interpretação foram historicamente apropriados por projetos políticos de embranquecimento e concentração de poder.

A artista propõe a disputa por outras narrativas como a de corpos dissidentes, não hegemônicos e não-normativos. Afirmando a si mesma como um corpo apocalíptico, defende a resignificação e a apropriação do milagre como potência de vida. Tabernáculo da Edificação, sua proposta para o programa Bolsa Pampulha envolve estudos e redesenhos de mobiliários geralmente encontrados em Igrejas, assim como a gravação de um clipe em que possa professar, em alto e bom tom, suas palavras de salvação.³

No MAP foram debatidas outras obras em exposição como a interpretação do universo feminino feito e das nossas raízes afro-indígenas. A visita ao museu potencializou as discussões



Viisita ao Museu de Arte da Pampulha

bibliográficas e as inquirições sobre o lugar das mulheres e LGBT nos museus tanto como produtores e produtoras de arte, como representados e representadas nas coleções.

A atividade acadêmica curricular continuará a ser ofertada como Formação Transversal e optativa no curso de museologia. Com este debate pretendemos contribuir para que os museus sejam ferramentas de luta contra preconceitos de gênero e condição sexual.

1 Museu como espaço da dispersão, pluralidade, onde reside o paradoxo da salvaguarda e da irremediável perda que implica a própria vida. Museu como espaço das diversas linguagens e de possibilidade de partilhar experiências.

2 https://memoriaslgbt.com/2020/04/05/10=-museus/?fbclid=IwAR3-oKGjzRokDiNP_1LqKKrNIWvry-hZpumokISdqfSLX2SHX-Zd8e9n6Z5l

3 <http://www.jaca.center/ventura-profana-br/>

Referências

CHAGAS, Mario de Souza; STORINO, Claudia M. P. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, n. 3, 2007: p. 6-8.

DIAS, Maria Cristina Dias. Os museus podem contribuir para a dignidade da pessoa humana para a dignidade social. (Entrevista com Mário Chagas). Confluências Culturais. V 3, Setembro de 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEREIRA, Junia Sales. Escola e Museu: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOPUC-Minas, 2007.